



Universitário e de Juventude que se orgulha de ser, ROTA sente-se na obrigação de saudar os alunos que neste Ano da Graça de 1958 iniciam os seus estudos universitários, e sente igualmente ser sua obrigação dar-lhes uma visão geral daquilo que é, normalmente, a vida universitária.

Não pretendemos, num artigo tão breve e tão pouco aprofundador de pormenores como será necessariamente um artigo de saudação e de apresentação, focar, estudar, criticar ou louvar os múltiplos problemas em que se debate a Universidade. Não é nosso desejo fazer apreciações. Apenas queremos apresentar factos. Factos que ajudem aqueles que começam uma nova vida cheia de ilusões e ciladas, a melhor encontrarem o caminho e as soluções que lhes convêm. É esse, que não outro, o nosso intuito.

Faremos como o Pequeno Príncipe que veio dum planeta distante a visitar a Terra, e iremos convosco, habitantes dum mundo diferente, a visitar a Universidade.

ALGO ESTÁ ERRADO — As raparigas e os rapazes amontoam-se nos corredores, de olhar tímido e boca tremendamente fechada, esperam em frente das portas cerradas, mudos como elas e como elas impenetráveis, olham para os botões das gabardines e para as biqueiras dos sapatos, e sentem que uma barreira invisível mas intransponível separa cada um deles de todos os outros.

Há qualquer coisa que não está certa. As conversas, quando surgem, são mais que banais, dão ganas de as matar logo à nascença. As amizades muito dificilmente aparecem.

Tudo é cinzento e triste, como a chuva que lá fora cai na terra já empapada.

Falta um movimento unânime de camaradagem que una todos aqueles batalhadores da mesma luta, que os ensine a ser amigos, que os dê a conhecer uns aos outros.

Algo está errado.

É preciso iniciar a camaradagem logo desde o princípio. É preciso.

SABE-SE APENAS QUE... — Não se sabe ao certo onde é que toda aquela gente mora. Sabe-se apenas que manhã cedo todos eles convergem para as mesmas paragens de eléctrico, para as mesmíssimas paragens de autocarro e, ao frio e à chuva esperam em bichas intermináveis o momento feliz em que poderão contar com um lugarzinho muito pequeno a muito apertado no transporte colectivo que os leva à Faculdade.

Por vezes passam vários autocarros antes de se ter lugar. E o tempo também passa. Alguns, mais felizes ou mais apressados vão de táxi. Outros, mais felizes ainda, vão de automóvel. Mas desses não reza a história.

A história só reza daqueles que esperam em intermináveis bichas, e diz que são precisos mais autocarros. E mais baratos. Que o estudante não tem dinheiro...

QUE O DIGAM OS QUE SE FORMARAM — Parece realmente impossível que o cérebro humano comporte uma tão vasta teoria de conceitos, de símbolos, de fórmulas, de imagens, e de tantas e tão variadas

coisas. Mas embora pareça impossível, os programas a isso obrigam. São centenas, são milhares, não sei mesmo se poderão vir a ser milhões, as páginas que se tem que estudar, e mais que estudar, e pior que estudar — que decorar.

«Kaaba». Fala-se já em mal-entendidos e em incompreensões.

Deve também falar-se em propaganda suja, em baixo fervilhar de paixões pessoais e, mais que isso, em baixíssimo fervilhar de paixões partidárias.

a o s n o v o s

A sebenta é o Imperador Máximo e quase absoluto. A confusão é inexprimível. Mas mesmo assim sempre se vai passando. Que o digam os que se formaram.

QUE DIZER DAS VELHAS FACULDADES — É evidente que a nova Cidade Universitária já vem clarear o problema. Mas que dizer das velhas Faculdades, que dizer do novo Hospital Escolar? Onde estão as instalações necessárias a um profícuo e intenso contacto de alunos? Onde estão as salas para reuniões, para festas, para mera passagem pouco prolongada?

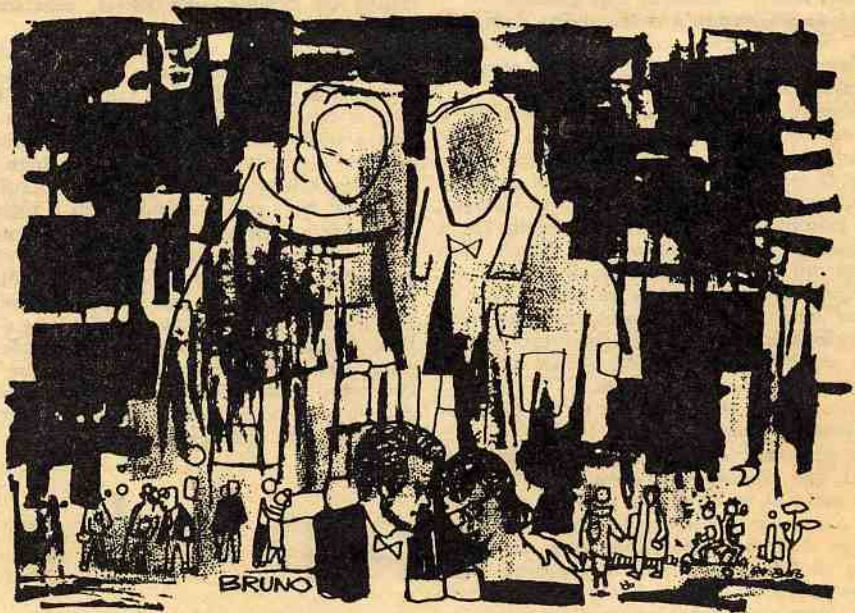
Também aqui há qualquer coisa que não

Pegue-se na vassoura e varra-se o que está sujo. Faça-se a limpeza, agora que as campanhas de profilaxia nos visitam. Que os próprios jovens empunhem a vassoura.

«É proibido cuspir no chão».

ASSIM NÃO VALE — Começam a surgir críticas violentas. Nós, jovens universitários que temos o dever de sermos portadores de um mínimo de cultura, nós, que deveríamos ter já um mínimo de formação, continuamos com uma média de formação geral muito baixa.

Embora se continue a bradar que o desporto deve ser uma escola de formação e



está bem. Há lugares de convívio a menos e corredores a mais. Falta qualquer coisa de essencial, qualquer coisa que minore um pouco a falta de formação que se tornou apanágio dos programas superespecializantes.

QUE SE PEGUE NA VASSOURA — Há muita gente jovem como nós, que se queixa amargamente da inexistência de interesse da grande massa pelas realizações. Há também muita gente que não quer ou não sabe ver o porquê desse desinteresse.

Para além do problema basilar do tempo perdido e do esforço exigido pelos programas, há também que ver outras causas. Alguns universitários começam já a levantar o espesso véu que encobre a sagrada

não um fim em si, continua a teimar-se em transformá-lo apenas num apanágio de alunos, dos «bons».

Assim não vale.

ESTE É O VOSSO TEMA PRINCIPAL — Este agora é o poema do tema capital. Este é o poema do amor.

(Com um sorrisinho nos lábios o cronista trinca distraidamente a tampa da caneta, fixa o olhar num ponto vago e distante, e suspira). Este é o vosso tema principal. Há-de aparecer, mas só lá mais para diante. Então, quando a terra for verde, a Lua for amiga e os vossos corações forem puros, então, o amor há-de surgir.

Este é o vosso tema principal.

Não vamos pedir a um alfaiate que nos diga com que linhas e pontos fez um casaco. A arte de fazer casacos, no seu por menor, só interessa aos que querem ser alfaiates. A nós interessa-nos se ficou bem ou mal. O mesmo se passa com um filme. Os pormenores técnicos interessarão aos que queiram fazer filmes. Não a ti, leitor que apenas queres saber vê-los, nem a mim.

cinema e cineclubes | 2

Apetecia-me começar este artigo com o snobismo e a auto-importância dos produtores de filmes que, reunidos em Cannes, atiraram para os quatro cantos do Mundo (serão realmente quatro?) a sua Solene Declaração dos Autores de Filmes.

Apetecia-me começar exactamente assim, sem mais peias, sem mais temores, com o pendão da independência erguido bem alto e a velha espada das lutas de todos os dias, cheia de bocas e de mossas, bem direita e pronta a malhar.

Solene Declaração dos Críticos de Filmes, Homens como os Outros e Senhores dos seus Sentimentos.

Era assim que me apetecia comer, mas não posso. Não posso porque aqui não estão reunidos todos os críticos de cinema que são capazes de gostar, gostar simplesmente, capazes de escrever aquilo que pensam e sentem, e capazes de oferecer aos seus leitores, humildemente, carinhosamente, um pouco da humanidade que dentro deles existe.

Aqui, só estou eu.

É pena, porque talvez surgisse qualquer coisa de novo, talvez uma nova luz brilhasse nos céus infundáveis e oferecesse aos homens mais uma possibilidade de interioridade e reflexão, mais uma possibilidade de se verem espelhados naquilo que os outros homens têm de diferente mas sincero.

Talvez fizéssemos a redescoberta dum animal raro chamado crítico-homem. Talvez disséssemos que um crítico, afinal também é um homem como os outros.

Homem, não máquina que sabe tudo o que com o cinema se relaciona de cor e que, quando lhe tocam em determinado botão, vomita cá para fora todo um vasto conjunto de nomes, de factos e de teorias. Homem, não máquina que, quando lhe falam em x é capaz de citar todos os seus filmes, sem falhar um único, que quando lhe falam em z papagueia incansavelmente tudo o que os outros chamam «a sua problemática», mas que são talvez capazes de não ter sentido nada da humanidade e da beleza que eles lhe oferecem nos seus filmes.

Homem que ainda é capaz de ter um pouquinho de humanidade.

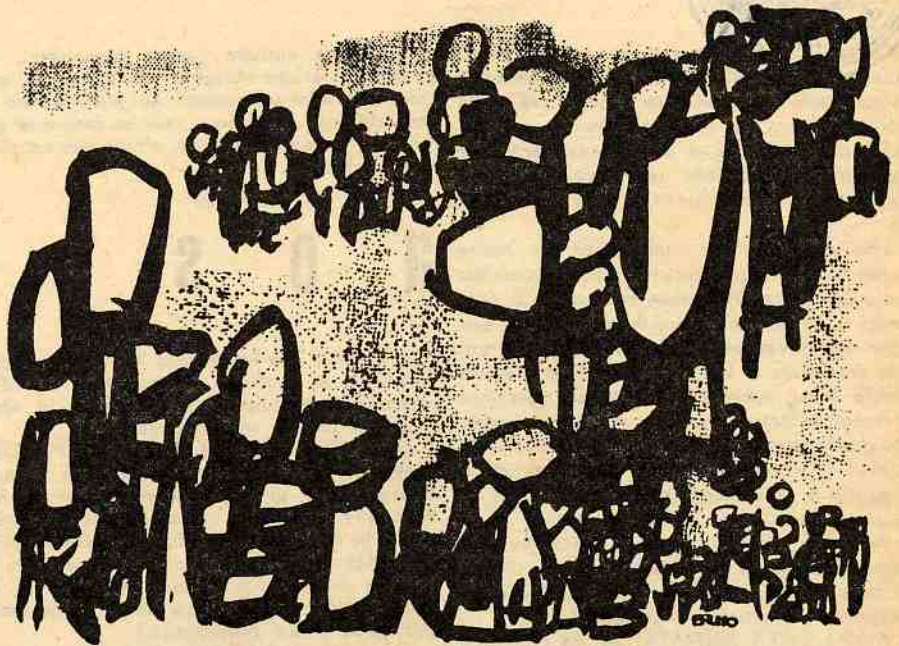
Se aqui estivéssemos todos reunidos é provável que disséssemos, como certo crítico: «Eu gosto da linha saco e da linha trapézio, dos filmes em cinemascópio e do Parque Mayer. Não me escandalizo com os escândalos de Hollywood nem me escandalizam as pequenas em fado de banho das fitas musicais, nem o sadismo dos desenhos animados, nem o erotismo recalçado da violência dos filmes de «gangsters». A literatura exacerbada de «Les enfants du Paradis» enterneceu-me e não consegui descortinar o subtil e perfumado humanismo de Nicholas Ray no engelhado comércio de drogas de «Atrás do Espelho». Quanto a Martin Ritt, prefiro Kazan. Quanto a Kubrick, prefiro John Houston. Aldrich está bem, e tudo o mais, mas troco os Aldriches por um mau Manciewicz. O pior de Ford deixa-me maravilhado, e não há consideração que mude a minha óptica. Quer dizer, sou um péssimo

crítico de cinema, sem moral, sem ideias, sem nada. Sou assim».

É possível que disséssemos tudo isto e muito mais. É possível que disséssemos que a crítica a um filme deve também ser feita com o coração e com o sentimento, e não com a frieza da caneta e das ideias preconcebidas. É possível que gritássemos bem alto que uma crítica é apenas uma visão subjectiva, por mais que pretenda, com a lógica e o raciocínio, colocar-se para além do homem que a escreve. Que uma crítica só tem valor, precisamente, quando é uma visão subjectiva, porque nos dá aquilo que nós nunca poderíamos obter doutra maneira, — a posição tomada por um homem como nós perante uma obra que vimos ou vamos ver. Que uma crítica deve ser mais um pedaço daquele que a escreve, mais uma tentativa de dádiva do universo pessoal do que um

ridículo, que não se pode apagar aquele mínimo de humanidade e de verdade que o Vasco Santana nele nos oferece, como dádiva simples e pobre, como oferta que se pede para aceitar, e não que se pretende impor.

É possível que disséssemos tudo isto e, no fim, elevássemos muito o nosso pendão de alegria de viver e de pensar, e erguéssemos uma vez mais o espadalhão amigo dos nossos antepassados, sentindo e sangue bem quente, no coração. E talvez acabássemos com a velha frase:



«Eu sou assim».

É pena aqui só estar eu, porque talvez nós nos entendéssemos bem.

Leitor meu, se não concordas comigo, acaba já aqui de me ler. Abandona-me sem mágoa e sem ressentimento.

Porque se não concordas comigo e me continuas a ler pode ser que as minhas ideias venham a lançar a confusão no teu espírito, e tu, para as combateres, tenhas que abdicar um pouco da tua isenção habitual e pretendas amachucar-me. E isso, eu não quero.

Eu só quero que tu me acompanhes um pouco ao mundo da alegria de viver, da poesia simples dos campos cheios de Sol e de coisas, das cidades cheias de fumos e de gentes que nós amamos sem conhecer, das cidades por que nós sentimos uma ternura estranha e inexplicável, das pessoas que passam por nós, com os seus problemas marca-

apetecia-me

mero repositório de ideias extraídas de outros ou que se pensa serem as de outros.

Que interessa ao que lê que a técnica seja boa ou má, que o jogo de luzes seja ou não perfeito, que o movimento esteja absolutamente certo, se não há nada daquilo que devia haver, se não há aquela primordial e essencial «parcela do homem que se revela ao homem seu irmão» que ele procura?

Pode-se bater, bater sem fim e sem descanso na «Canção de Lisboa», dizer que a técnica anda muito por baixo, que a ciência de fazer filmes ainda não evoluiu, que o argumento descamba muitas vezes para o

dos na face, e que nós queremos amar, nós temos necessidade de amar.

Eu só quero que tu venhas comigo e conheças um pouco o meu mundo simultaneamente triste e terno, simultaneamente sombrio e cheio de humanidade, que se move, que não pára, que gira sempre, sempre, sempre, que vive.

S enão queres acompanhar-me, abandona já as minhas linhas. Mas sem ressentimento.

Hoje vou-te falar da crítica e dos críticos. Vou-te contar o que no meu mundo estranho e terrivelmente próximo de ti fazem os críticos.

Se reconheceres neles alguma coisa de muito comum e já vivido por ti, ou já lido por ti nas colunas de algum jornal, não te

espantes. Alguns deles saem cá para fora. Alguns deles pensam que a «Humanidade de cá», a Humanidade em que tu vives, precisa de apóstolos. Por isso, vêm ter contigo. Contigo e com os teus irmãos que tu desconheces e te acotovelam na rua, e passam por ti sem te ver.

Dizem eles que um crítico é um homem como outro qualquer, um homem que vive e que sente, que chora quando a poesia que se evolva daquilo que vê lhe diz que chore, que ri quando a vontade simples de rir e viver dos outros e dela mesma lhe dizem que ria.

Um homem que deve pôr nos seus escritos aquilo que sentiu, que viu, que viveu, que não deve procurar deliberadamente fugir a si próprio e procurar a sua inspiração no que os outros críticos com ou sem alma escreveram ou pensaram.

Um homem que pensa por si próprio e que acha que um filme contém em si todos os elementos necessários a uma crítica, não necessitando, por isso, de ir procurar a outras fontes.

Um homem que defende que o que o público deseja e espera, é um pouco mais do que a meia dúzia de linhas que estendem o «o filme é bom» ou o «o filme não presta», e um pouco menos do que aquele mar paradoxalmente encapelado e duma linearidade desértica que habita outros críticos.

Um homem que afirma que o público quer que o crítico lhe dê o que sentiu, o que viveu, a sua interpretação da mensagem humana que o filme possui, quando possui.

Dizem também que um crítico é, por natureza, um homem livre, a quem se deve deixar expor as suas ideias, mesmo que elas não coincidam com as nossas, porque devemos partir do princípio — nem sempre válido, bem sei — de quem lê também sabe pensar.

Dizem que ao crítico não se devem apresentar imperativos de ordem económica, ou publicitária, ou outros quaisquer que o impeçam de escrever o que pensa e, lealmente, queira transmitir aos que o lêem.

Porque se isso suceder, o crítico nega-se, e nem diz o que pensa, nem diz o que pensa que os outros pensam.

Alguns que já fizeram várias vezes a viagem entre o mundo de que te falo e o mundo em que tu vives, contam, com um vago ar de queixa — porque eles não se queixam: sentindo vivamente as incorrecções e os suplicios que os outros lhes infligem, eles compreendem-nos demasiado bem para os poderem acusar: desculpam-nos — que no teu mundo há críticos que servem apenas para desvirtuar a sua missão e tentar lançar poeira nos olhos dos leitores.

Cintam que a crítica, e prazer de criticar e de conhecer o que os outros pensam de nós ou do que se nos oferece é muitas vezes afastado e calcado, esquecido ou conspurcado.

Dizem que à crítica não se dá o valor que ela possui, e que apenas se lhe permite viver porque ainda há muitos que a exigem.

Esses são os que já fizeram muitas viagens entre os dois mundos e têm muitos motivos de comparação e de reflexão.

Outros, dizem coisas diferentes. Mas todos notam a incongruência do teu mundo.

Esses críticos do outro mundo são os que ainda podem chorar ou enternecer-se e ainda podem rir, de acordo com os seus sentimentos. São os que podem pensar e viver sem se negar.

Dizem que o teu público também é capaz disso, mas que grande parte da crítica o embotou de tal maneira que ele até já tem medo de o fazer.

A ti leitor que me acompanhaste até ao fim, eu pergunto:

— Será assim?

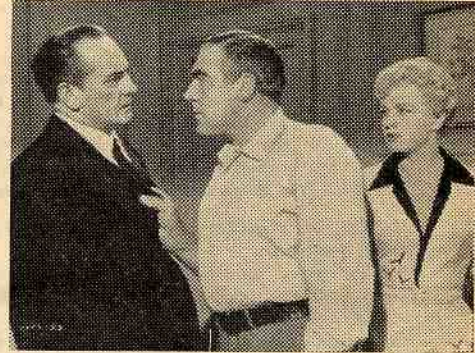
O QUE NÓS LEMOS

«Desde há alguns anos que, em certos meios, uma crítica sistemática e construtiva vem sendo feita ao panorama que a nossa cinematografia oferece e aos meios que a dominam. Mas uma persistente e oculta teimosia, encobrindo muitas vezes incompetência ou secretas conveniências, faz com que a situação persista e não se encaire na sua triste realidade, o ponto crítico atingido. O saneamento que há muito se vem solicitando não se produz, o que agora nos leva a desejar a intervenção de uma boa purga que opere tão necessária limpeza.

Os nossos cineastas acrescentaram há pouco ao seu «curriculum» mais duas coisas, persistindo nos lugares comuns e nos erros de sempre. Há uma inovação: o «Homem do Dia», reiniciando os circuitos ciclisticos de outrora, apresenta-se como a solução «ideal» para convencer produtores desanimados: antes de ser exibido já cerca de 1/3 do seu custo estava amortizado. É verdade. Este fenómeno, verdadeiramente inédito — e aliciante para o capitalista — subverte todos os elementos de que dispunhamos até aqui para apreciação da nossa economia cinematográfica. O produtor deve ter-se sentido feliz pela descoberta da fórmula mágica que lhe iria encher os bolsos de dinheiro... Na verdade, recheando o filme de publicidade descarada, que vai desde a «His Masteris Voice» até ao Rádio Clube Português, passando pelo «Scotts» (sabonetes) não contaram os artifices do filme com um elemento que os surpreendeu: a reacção do público que ignorou a obra e a deixou cair ao fim de pouco tempo de exibição. O caso, como já dissemos algures, é de esquadra de polícia. Mas, infelizmente, e apesar de se tratar de uma infração descarada à ética profissional, não vimos algum dos organismos corporativos ligados à indústria assumir a atitude de repúdio e reprobção que as circunstâncias exigiam»

...«No meio de toda esta confusão a que se chegou há outros factores que muito contribuem para isso: entre eles o de elementos da crítica cinematográfica com certa responsabilidade prestarem-se à humilhante tarefa de louvaminhar tais produções em termos que um mínimo de decência e honestidade condenam»

in IMAGEM (Lisboa)



Iniciou o Cine Clube Universitário de Lisboa o seu ciclo «O Sucesso» com uma fita que, quanto a mim, é inteiramente falhada. É-o na escolha do tema, no seu aproveitamento e no seu desenvolvimento, e é-o ainda por não ter atingido o fim que se propuzera.

À pergunta inicial de ser o filme polémico ou de pura constatação, obtemos logo, com as primeiras imagens e as primeiras palavras, uma resposta clara e infosmável:

«Poderíeis julgar que os homens do top são diferentes dos de cá de baixo. Estais enganados.» — é, por diferentes palavras, o que nos é dito.

Parte-se pois da posição de querer demonstrar que os homens que regem as grandes empresas, as grandes companhias, os grandes interesses, são absolutamente iguais a todos os homens, os que passam na rua como os que trabalham nas oficinas das fábricas que eles dirigem, e, conseqüentemente, admite-se ser opinião generalizada que existem diferenças entre esses dois escalões humanos. Surge assim o desejo de estabelecer uma comparação polémico-crítica que mostre «a verdadeira realidade» ou seja, como Wise quer, a inexistência de diferenças.

Aqui, o primeiro falhanço.

A premissa de que se parte é errada. Pensando bem, todos nós admitimos a existência dessas diferenças, quanto mais não seja como resultantes de uma situação financeira plenamente desafogada, com as conseqüentes implicações de ordem psicológica e social.

Poderia acontecer, no entanto, que o filme, embora assentando em premissas erradas, conseguisse desenvolver-se dentro de um clima mais ou menos natural e aceitável.

Mas que vemos nós?

Ridículo, ridículo, e mais ridículo.

Há murros nas mesas, crises de histerismo, mulheres de psicologia arresvada e atitudes dramático-cómicas (vide Miss Treadway), rachar de mesas em reuniões directoriais, palmadas violentas e convictas a seguir a discursos empolados, e outras coisas mais. Os directores são-nos apresentados como uns patetas alegres, uns a dizerem «não, não, o que me interessa é a minha pescariazinha», outros a serem insultados quando se encontram no apartamento de secretárias loiras e a reagirem incoerentemente, outros a descontrolarem-se de uma maneira inadmissível em restaurantes, caindo no ridículo e não notando, outros com ar de pantera amordaçada (Shaw), outros ainda com atitudes de mártir, de «segundones».

No fim, a vitória do bonzinho sobre o mauzão no meio dos aplausos gerais.

A impressão geral é termos estado a ver o que ingenuamente um dos de cá de baixo pensa dos de lá de cima. A única maneira que ele tem de demonstrar a sua pretensa igualdade é transformar os «executives» em fantoches ridículos, criando simultaneamente uma atmosfera dramalhónico-cómica que faz lembrar os filmes cor de rosa para consumo de meninas pseudo-românticas e capitalistas «muito, muito interessados no bem dos seus operários».

Em «Um Homem e Dez Destinos», não há crítica a sistemas nem crítica a homens nem crítica a ideias ou factos. Há apenas uma históriazinha pior que banal cozinhada por Robert Wise. Nada mais.

É necessário, é absolutamente necessário, é trágicamente necessário que a Juventude encontre aquele seu antigo saber de criticar e de apreciar serenamente, com o sorriso nos lábios e a lealdade no coração.

É necessário que nos lembremos que somos jovens, que somos vivos, que a alegria existe e que não é necessário ser geométrico e árido para tratar os assuntos sérios.

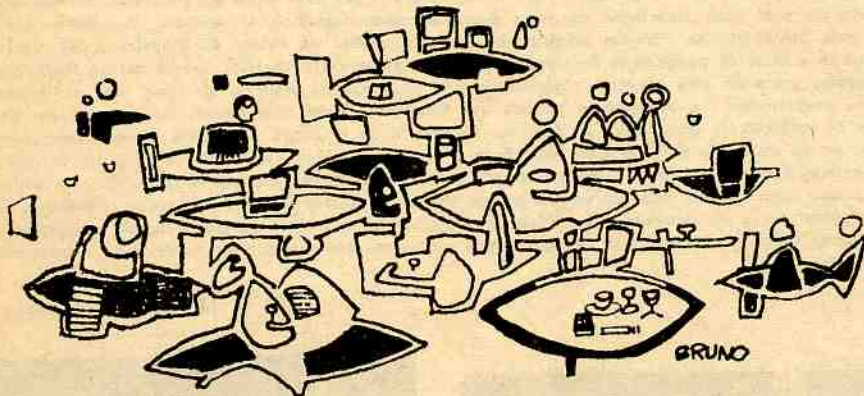
É necessário, é urgente lembrarmo-nos que o Sol ainda existe, que os campos ainda são verdes e belos, que o Mar é imenso e que nós somos homens e somos jovens.

É urgente pensar, mas também é urgente sermos nós próprios, realizarmo-nos, encontrarmos dentro do nosso ser aquela parcela de humanidade que em todos nós existe.

E depois de tudo isto, podemos gritar bem alto as nossas convicções, mostrar aos outros que, em muitos casos, não pensamos como eles, dizer-lhes que também temos direito a pensar e que, atendendo a esse nosso direito, eles tem o dever de tomar na devida consideração as nossas opiniões.

Que se não fomentem desuniões.

Porque hoje em dia criticar quase se tornou sinónimo de odiar ou, pelo menos, de ser inimigo.



Porque hoje em dia a Juventude, grande parte da Juventude parece ter esquecido tudo isso ou, pior ainda, parece nunca ter conhecido nada disso.

— Olhai, olhai para os que têm responsabilidades, e dizei depois se eles alguma vez souberam o que era admirar sem ressentimentos, e o que era saber compreender.

Havia um homem que não tinha camisa... — dizia a história — ...e era feliz.

Porque não deitamos nós fora aquilo que nos abafa e desfigura?

ROTA, o nosso Jornal, é Juventude, é uma expansão da Juventude, o seu querer, o seu viver, o seu ser.

ROTA não é fechada, não é árida, não é encarquilhada e seca. Nas suas colunas serão admitidos todos aqueles que nelas queiram escrever, desde que o façam com lealdade, com probidade, com a alegria de vir dizer aos outros algo que se descobriu e que queremos seja de todos. Todas as críticas serão bem vindas, todo o discordar de opiniões será bem recebido.

Mas que isso não signifique estreimar de campos. Não. Que isso signifique apenas que, dentro daquele imenso e maravilhoso campo que é o Homem e o seu Universo se podem ter ideias diferentes, sem que por isso se deixe de admirar ou se despreze quem não concorda connosco.

Vamos agora assentar ideias acerca da questão dos lugares de convívio entre universitários, que nesta fase da evolução dos conceitos que guiam o Jornal eu prefiro chamar «lugares de convívio da Juventude».

É necessário termos um edifício com:

- Cantina
- Café
- Biblioteca
- Salas de Jogos
- Salas de Exposições
- Sala para Cinema e Teatro
- Sala para Conferências e Debates
- Instalações para Tipografia Universitária
- Instalações para um emissor radiofónico Universitário
- Salas para audição de Música Ligeira
- Salas para audição de Música não ligeira
- Salão — que poderia estar incluído no Café — para Bailes e outras diversões, — apresentação de conjuntos instrumentais, vocais, variedades, etc. —

Creio que disto ninguém discorda. É essencial, e embora eu não preconizasse todo o conjunto no meu primeiro artigo, lançava pelo menos as bases para o seu aparecimento. Indicando algumas das inovações necessárias, eu acrescentava: o que não quer dizer que sejam apenas estas, obrigatoriamente, as inovações.

Lugares de convívio

Agora, que parece estarmos todos de acordo, passemos às realizações práticas. Não fiquemos nas palavras. Trabalhem para a realização das nossas aspirações. Mas não façamos das muitas que por aí pontificam, e que apenas sabem (ou querem?) «fazer de palavras».

Orlando Neves, no seu artigo — que apreciei como contributo para um melhor esclarecimento do problema — acrescenta mais coisas de interesse, sugere mais ideias, aprofunda mais.

Mas, justamente, diz algumas coisas que não estão certas.

Para ele parece ser absolutamente necessário que as Associações Académicas sejam inteiramente representativas. Diz que: — «A representatividade das Associações conseguir-se-á quando se considerarem como sócios duma Associação todos os Alunos da mesma Faculdade, fazendo a distinção quanto ao número de vantagens entre sócios contribuintes ou não. Isso se conseguirá em futuro breve».

peço a palavra

E, o que é pior, alguns outros pensam da mesma maneira.

Quer-me parecer que se desvirtuou o sentido de representatividade, que se transformou representatividade num conceito de luta e de reivindicação, esquecendo-se simultaneamente todos aqueles anátemas que se lançavam sobre as «coisas obrigatórias».

Sim, porque para atingir a representatividade absoluta se estão a forjar sistemas tais como obrigar o universitário, pelo simples facto de ser universitário, a ser sócio duma A. E., mesmo contra a sua vontade e o seu desejo.

Porque parece ter-se esquecido que a liberdade de opção é ainda, no conturbado mundo em que vivemos, uma verdade por que se luta e se morre.

Ou a liberdade é só para nós, e quando os outros não estão de acordo connosco devem suprimir-se ou, quando isso não é possível, obrigá-los a pensar como nós?

Se a JUC ou o Centro Universitário, ou qualquer outro organismo se lembrasse de dizer que um universitário, pelo simples facto de o ser, era também seu afiliado ou seu sócio, que diríamos? Que diriam aqueles que querem obrigar um universitário, compulsivamente, a ser sócio da A. E. da sua Faculdade?

E falemos claro, isto não é atacar as A. E. Todos os que pensam um bocadinho verão que não é. Isto é apenas indicar os erros em que alguns querem incorrer.

A representatividade absoluta é assim tão necessária?

Tão necessária que, em seu nome, se coarctem as liberdades individuais de crítica e de escolha?

É bom notar que eu não fiz críticas às Associações. Nem sequer pensei em fazê-las. Limitei-me a ver os factos.

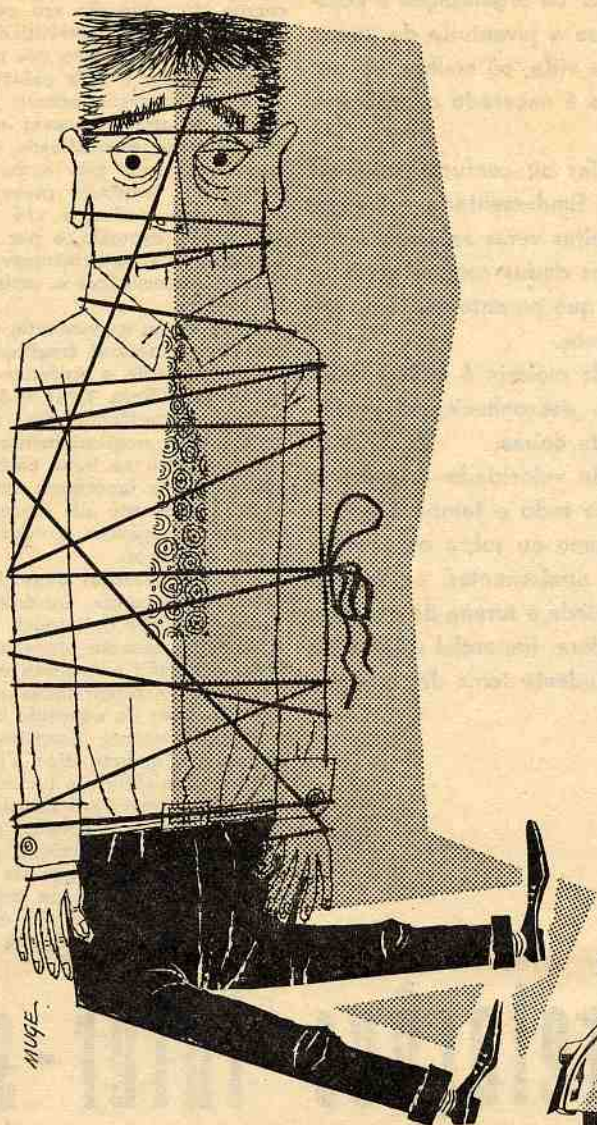
Quando dizia que a A. do Técnico é apenas um local de recreio ou de passagem (excluí, como me parecia óbvio, a Cantina) não

estava a deitar as culpas a ninguém, e se o dizia era porque via que era assim, não que tentasse desvirtuar nada. Quem quer que o saiba venha-me dizer que as salas que possui servem para muito mais do que isso — à parte as reuniões de organismos —, mas prove-mo. Diga-me como. Não estou a criticar. Apenas verifico factos.

Orlando Neves, provavelmente de acordo com o que diz inicialmente — que nos encontramos lutando pelo mesmo, embora partindo de pontos diferentes — deu ao seu artigo um ar de censura às minhas «críticas» às Associações. É preciso que ele veja realmente que nenhum carácter de «crítica» — no mau sentido — me moveu. Nem sequer pensei em criticar segundo o carácter superior da palavra. Apenas constatei factos, e fiquei muito surpreendido quando vi a interpretação que ele deu ao que escrevi.

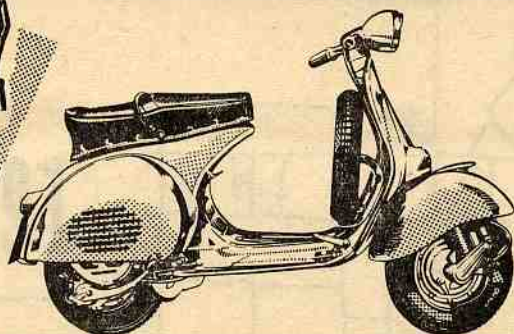
O sentido que deu ao meu artigo ressalta excelentemente da sua frase: — «Associações (...) de modo algum entidades que se devam esquecer para a solução do problema

d a j u v e n t u d e



não
se
prenda!..
vá
de

Vespa



O MAIS COMPLETO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN (S. A. R. L.)

DEPARTAMENTO VESPA

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 30-A — TELEF. 53558

da convivência, como parece querer fazer o autor do artigo». Quem lesse apenas o que Orlando Neves escreveu ficaria com a impressão de que eu me obstino em fazer esquecer as Associações, a criticar as Associações, a diminuí-las.

Nunca isso sucedeu. E se alguns o querem fazer crer — não incluo ainda neste número o Orlando Neves, note-se — é por má fé e com intuítos que se não poderiam conhecer sem uma sensação de enjoo.

No meu primeiro artigo eu digo, textualmente:

«A quem pertence dar solução a este estado de coisas?

Antes de mais, evidentemente, aos organismos de tipo associativo — Associações de Estudantes e outros organismos, do género da DUML —».

Isto, creio eu na ingenuidade da minha boa fé, é dizer claramente e sem sofismas que às Associações compete entrar na solução do problema. Mais seria humanamente impossível dizer-se.

* * *

Termino estas linhas como comecei.

É trágicamente necessário que a Juventude encontre aquele seu antigo saber e gosto

de criticar, com o sorriso nos lábios e a lealdade no coração.

É preciso não esquecer que todos somos Jovens, e que todos queremos, essencialmente, que a Juventude evolua e progrida dentro daquele ambiente de compreensão e de auto-consciência que é seu apanágio.

E venham, venham muitos, falar, criticar, dizer o que querem.

Que esse é o nosso fim.

Para isso nós, Jovens, existimos.

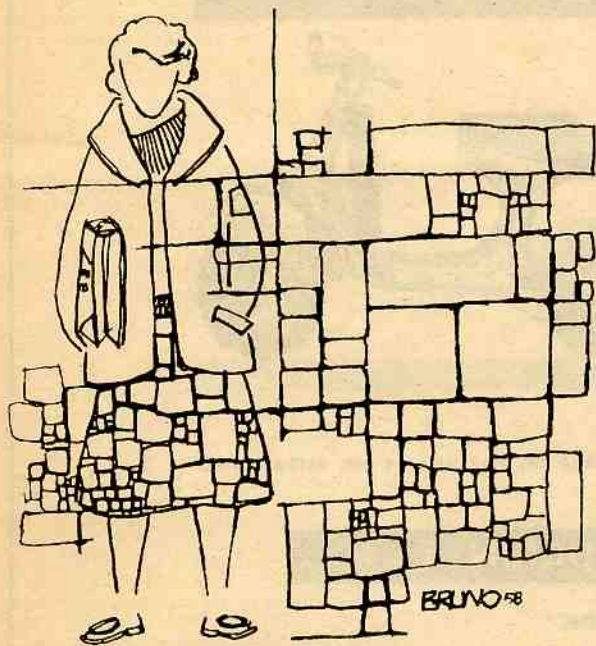
De todos os problemas que actualmente interessam à juventude, um dos mais importantes, pelas consequências que poderá vir a ter na organização e construção da sociedade futura — e não muito futura, porque a juventude de nossos dias vai entrar dentro de muito pouco tempo no jogo da vida, ou melhor, vai ser lançada nesse jogo — é, sem dúvida, o da maneira como é encarado o problema fundamental das relações inter-sexos na fase escolar.

Por todos os lados se ouvem opiniões, contraditórias ou confusas, opiniões superficialmente expostas e baseadas — a par de algumas fundamentadas —, argumentos apaixonados e discussões acaloradas, sem que muitas vezes se possa dizer, em consciência, qual o verdadeiro fundo do problema, os dados com os quais se pode fazer a sua equação e a posição generalizada que perante ele tomaram os pais de família, as autoridades em educação e os alunos.

Essencial se torna verificar isto: a opinião da grande maioria é muitas vezes contraditória e confusa precisamente porque existe um desconhecimento muito grande dos «comos» e dos «porquês» do actual estado de coisas.

As contínuas solicitações duma vida feita à base de velocidade — contra o estudo, contra as refeições, contra os transportes, porque todo o tempo é pouco e nem sequer há a possibilidade dum debruçar mais calmo ou sobre os grandes romances da actualidade, ou sobre os problemas mais apaixonantes, ou mesmo do indivíduo sobre si próprio — impedem uma análise cuidada e serena da questão.

Impossível se torna, desta maneira, ter uma visão clara, imparcial e justa de todos os planos e subplanos por que se desdobra este candente tema das relações inter-sexos na fase escolar.



Tendo em conta este estado de coisas, julgámos essencial apresentar um conjunto de documentos, opiniões, respostas a inquéritos, extractos de artigos e de livros da especialidade, etc., que, por um lado, permitissem ao leitor com menos tempo, disposição ou posses, — porque para aprofundar esta questão mister se torna dispender algum dinheiro, e a juventude, a quem este tema interessa em especial, nem sempre (quase nunca) anda abonada — tomar um contacto directo com tudo o que de importante e flagrante seja necessário conhecer sobre esta matéria, e por outro lado, dessem possibilidade a vultos do nosso escol intelectual, escritores, artistas, mestres, pedagogos, autoridades religiosas e civis, e também — porque isso é primacial, — aos próprios alunos, de dizerem o que pensam, apresentando, sempre que o queiram fazer, sugestões e soluções.

Mormente perigoso é, portanto, aquele naturalismo que, em nossos tempos, invade o campo da educação em matéria delicadíssima como é a honestidade dos costumes. Assaz difuso é o erro dos que, com pretensões perigosas e más palavras promovem a chamada educação sexual, julgando erradamente poderem precaver os jovens contra os perigos da sensualidade, com meios puramente naturais, tais como uma temerária iniciação e instrução preventiva, indistintamente para todos, e até publicamente, e pior ainda, expondo-os por algum tempo às ocasiões para os acostumar, como dizem, e quase fortalecer-lhes o espírito contra aqueles perigos.

Estes erram gravemente, não querendo reconhecer a natural fragilidade humana e a lei de que fala o Apóstolo: contrária à lei do espírito (Rom. 7,23), e desprezando até a própria experiência dos factos, da qual consta que, nomeadamente nos jovens, as culpas contra os bons costumes são efeito, não tanto da ignorância intelectual, quanto e principalmente da fraqueza da vontade, exposta às ocasiões e não sustentada pelos meios da Graça.

Se, consideradas todas as circunstâncias, se torna necessária, em tempo oportuno, alguma instrução individual, acerca deste delicadíssimo assunto, deve, quem receber de Deus a missão educadora e a graça própria desse estado, tomar todas as precauções, conhecidíssimas da educação cristã tradicional, e suficientemente descritas pelo já citado Antoniano, quando diz: «Tal e tão grande é a nossa miséria e a inclinação para o mal, que muitas vezes até as coisas que se dizem para remédio dos pecados são ocasião e incitamento para o mesmo pecado. Por isso importa sumamente que um bom pai, quando discorre com o filho em matéria tão lúbrica, esteja bem atento, e não desça a particularidades e aos vários modos pelos quais esta

relações inter-sexos na fase escolar

hidra infernal envenena uma tão grande parte do mundo; não seja o caso que, em vez de extinguir este fogo, o sobre ou acenda imprudentemente no coração simples e tenro da criança. Geralmente falando, enquanto perdura a infância, bastará usar daqueles remédios que, juntamente com o próprio efeito, inoculam a virtude da castidade e fecham a entrada ao vício» (Sílvio Antoniano, *Della Educazione Cristiana dei Figliuoli*, Livro II, Cap. 88).

De modo semelhante, erróneo e pernicioso à educação cristã é o chamado método da «coeducação», baseado também para muitos no naturalismo negador do pecado original, e ainda para todos os defensores deste método, sobre uma deplorável confusão de ideias que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e igualdade niveladora. O Criador ordenou e dispôs a convivência perfeita dos dois sexos somente na unidade do matrimónio e gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso, não há na própria natureza que os faz

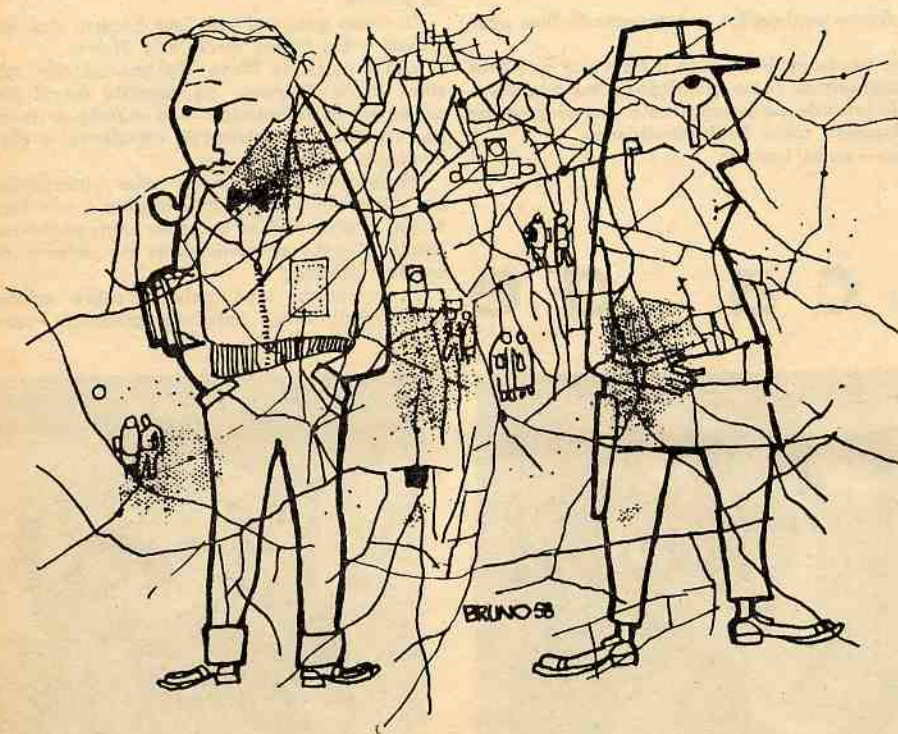
diversos no organismo, nas inclinações e nas aptidões, nenhum argumento de onde se deduz que possa ou deva haver promiscuidade, e muito menos igualdade na formação dos dois sexos. Estes, segundo os admiráveis desígnios do Criador, são destinados a completar-se mutuamente na família e na sociedade, precisamente pela sua diversidade, a qual, portanto, deve ser mantida e favorecida na formação educativa com a necessária distinção e correspondente separação, proporcionada às diversas idades e circunstâncias. Apliquem-se estes princípios no tempo e lugar oportunos, segundo as normas da prudência cristã, em todas as escolas, nomeadamente no período mais delicado e decisivo da

formação, qual é o da adolescência; e nos exercícios ginásticos e desportivos, com particular preferência à modéstia cristã na juventude feminina, à qual fica muito mal toda a exibição e publicidade.

Recordando as tremendas palavras do Divino Mestre: «Ai do mundo por causa dos escândalos!» (Mt. 18,7), exortamos vivamente a vossa solicitude e vigilância, Veneráveis Irmãos, sobre estes perniciosíssimos erros, que largamente se vão difundindo entre o povo cristão com imenso dano da juventude.

(Da Encíclica «Divini Illius Magistri»)

A OPINIÃO



DA IGREJA

Portugal, segundo o revelam as estatísticas, é um País em que existe uma percentagem aproximada de noventa por cento de católicos. Não é pois favor nenhum — antes o consideramos um dever de quem queira apresentar imparcialmente o problema — dar à Igreja Católica o primeiro lugar na série de depoimentos. Sabemos perfeitamente que, de acordo com os números acima indicados, forçoso se tornava às autoridades laicas do ensino tomar em linha de conta a posição da Igreja e as soluções por ela preconizadas.

A encíclica «Divini Illius Magistri», de Sua Santidade o Papa Pio XI, no Capítulo destinado ao «Sujeito da educação» apresenta dois subtemas de grande importância, e que estabelecem doutrina precisamente sobre a matéria que nos interessa.

A nossa primeira página dedicada ao assunto será pois constituída por dois excertos dessa encíclica, seguindo-se-lhes, noutros números do jornal, provavelmente, ainda outras opiniões de Autoridades Eclesiásticas.

Quanto à actualidade ou não actualidade do tema, os nossos leitores que têm filhos, que estudam, ou mesmo aqueles leitores a quem a questão interessa apenas num plano puramente teórico, que decidam.

inquérito

Parte geral

- 1 — É adepto da segregação sexual nos estabelecimentos de ensino, ou reprovava?
- 2 — Quais as vantagens e os inconvenientes que vê, quer na segregação sexual, quer num amplo contacto de estudantes de ambos os sexos?
- 3 — No caso de haver necessidade de uma segregação sexual, defende uma fórmula atenuada, ou uma rigidez absoluta? — Entende-se por fórmula atenuada, por exemplo, a existência de algumas cadeiras ou mesmo anos (6.º e 7.º), com alunos de ambos os sexos.

Aos pais

- 4 — Lembra-se das suas convicções sobre este assunto quando estudou? ou quando o problema se lhe equacionou? Importa-se de as reproduzir?
- 5 — Nos seus filhos nota tendências para algum campo?

Aos educadores

- 4 — A sua experiência pessoal, à parte uma convicção já profundamente enraizada mostrou-lhe a existência de alguns inconvenientes *muito* graves em qualquer das duas linhas de conduta? Quais?
- 5 — Nos seus alunos, vê desenhar-se tendências para qualquer dos dois campos? Em que percentagem aproximada?

Às autoridades religiosas

- 4 — Existe alguma medida, preconizada pelas suas autoridades religiosas, referente à separação dos sexos no ensino? Quais os factores que determinam essa atitude?
- 5 — Além de doutrinas especiais existem na sua religião algumas regras canónicas referentes a este assunto? Mencione os seus termos mais objectivos.

Aos pré-universitários

- 4 — Qual a sua opinião sobre a tendência dos seus companheiros neste capítulo?
- 5 — Dentro do condicionalismo inerente a um duplo pergunta-resposta que envolve o futuro, supõe que a sua opinião se virá a modificar com o tempo?

Aos Universitários

- 4 — Quais as consequências que supõe ter a actual linha de segregação sexual no comportamento dos náveis universitários?
- 5 — Vê tendências, na Universidade, para uma conduta de segregação? Cite factos,

As respostas a este inquérito podem ser entregues aos nossos representantes ou enviados para a Rua Barão de Sabrosa, 151-1.º Dt.º Lisboa 1.

Todas as respostas são úteis e desejadas, porque além de servirem para a escolha das opiniões mais abalizadas e importantes, se tornam também um valioso elemento de inquirição de percentagens. Não é este o momento de se passar à «resistência passiva» tão do agrado dos que julgam não ter responsabilidades na matéria, deixando «para mais tarde» o esforço que as respostas exigem. Todos devem responder.

Sucedem que quando inserimos diversos factos isolados num quadro mais vasto que, de qualquer maneira, pretenda explicá-los, relacionando-os, verificamos com surpresa que eles se nos apresentam iluminados duma maneira absolutamente nova, revelando-nos facetas de que nem sequer suspeitávamos.

Sucedem também que, por vezes, levados pelo brilho novo que eles nos apresentam, deixamos de raciocinar e de pensar, quase nos esquecemos de aprofundar um pouco as possibilidades de existência de distorsões de visão e de interpretação, e caminhamos para uma intransigência de opinião muito mal fundamentada.

Os problemas do comportamento da população juvenil, adentro da Sociedade e do Mundo actuais, são, creio eu, dos de mais difícil e delicada interpretação, sujeitando-se muitas vezes quem pretende abordá-los a um fracasso ou a um erro que podem vir a ter consequências nefastas numa futura evolução de conceitos e de posições.

O primeiro artigo da série «Em busca de um novo humanismo» foi, digamo-lo, como que um balão de ensaio tendente a auscultar a opinião aos nossos leitores e, adentro de certa medida, a avaliar o interesse que eles poderiam ter por um assunto deste género.

Se bem que nele já se tirassem algumas ilações e se apresentassem factos significativos, não representava, nem podia representar, nem sequer uma tentativa de abranger com certa amplitude a questão do comportamento da Juventude dos nossos dias.

Verificámos com satisfação que despertou interesse. Isso leva-nos directamente à consumação dos nossos propósitos iniciais: estudar, da maneira mais completa que pudermos, certas questões que vemos vir sendo tratadas duma maneira bastante superficial, ou mesmo não vir sendo tratadas; comparar factos que conhecemos e, caso tenha interesse, arquivar declarações dos nossos leitores.

O nosso primeiro trabalho será apresentar os factos conhecidos, acrescentando-lhes apenas breves considerações.

Seguir-se-á o enquadramento de todos os casos numa problemática mais vasta que lhes busque as raízes e a razão de ser — busca essa considerada como condição «sine qua non» para a boa compreensão do que se passa com a Juventude no nosso século das viagens no espaço interplanetário e do desconhecimento do Homem como Individualidade.

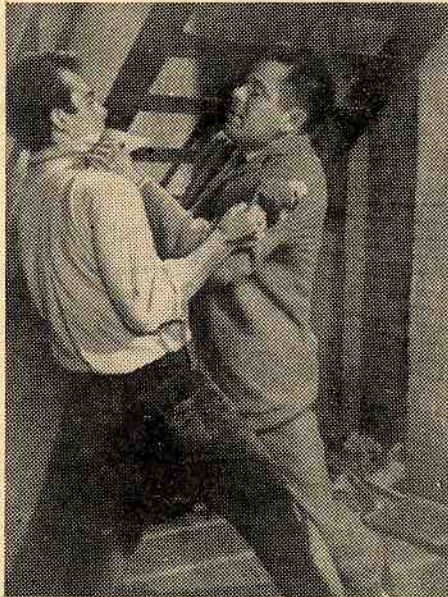
Por fim virão então as soluções preconizadas — se as houver.

e m b u s c a d e

Fala-se muito, muito mesmo, no «caso americano», apontando a juventude delinquente, os prevertidos sexuais e os jovens mergulhados numa aterradora angústia existencial como o protótipo de toda uma juventude estadunidense.

Aparecem filmes como «Fúria de Viver», «Sementes da violência», «Jocko de Paris, história de um canalha», aparecem artigos como os de Jess Stearn «High Schools abafando casos sexuais», aparecem conferências, motins, barulho — e tudo parece indicar que, realmente, algo de muito grave se encontra por detrás de toda esta cortina de casos, algo muito mais grave do que os discos voadores, a bomba atómica ou de hidrogénio ou a conquista da Lua, algo que poderá vir a subverter — num futuro mais ou menos breve e com uma facilidade muito superior à dos projecteis teleguiados — todo um modo de viver e de pensar a que vulgarmente e teimosamente se quer chamar «Civilização Ocidental».

Algo que, pelo menos — e as possibilidades de só ser assim são ínfimas — poderá transformar radicalmente a feição mais ou



u m n o v o h u m a n i s m o

menos evolucionais dos Estados Unidos da América.

Algo que se vem inserir directamente no abaixamento progressivo do índice mental da população, no desaparecimento ou estranhamento dum escol batalhador e pensante, no domínio crescente e avassalador da máquina por intermédio do grau enorme de comodismo e de preguiça de pensar que um desenvolvimento mal orientado dos grandes meios de comunicação e de expressão — Rádio, Cinema, TV., Imprensa e, num plano menor, Livro — criaria, e num aumento sempre crescente da desumanização do homem.

Algo a que muita gente, aterrada ou inconscientemente, quer fechar os olhos.

Abandonemos as pequenas vilas provincianas, abandonemos os homens simples de mentalidades simples e muito sacrifício no corpo e nas mãos, abandonemos Erskine Caldwell e Sherwood Anderson, abandonemos os poetas da Terra, do Homem e do Sacrifício, e mergulhemos nos grandes centros urbanos.

Atiremo-nos, de cabeça, deliberadamente, para o mundo dos discos, dos bares, das caixas de música e de jogos, do Whisky nos copos e da saliva no chão; submerjamo-nos

no mundo trepidante dos que pulam, dos que saltam e contorcem o corpo, dos que agridem o próximo pelo prazer único de ferir, dos que andam com raparigas com suéteres muito justos, e das raparigas que sentem fome de homem.

Esqueçamos por momentos aqueles, cujo principal deleite é esquecer, esquecer as agruras do dia, esquecer o trabalho, esquecer as preocupações, esquecer que também é preciso pensar.

Penetremos na cidade, no labirinto hiantes das paixões humanas e dos choros ignorados.

Há os bons e há os maus.

E não vamos discutir aqui o conceito de bom e de mau, porque não interessa (isto é para ti, leitor que já estavas a murmurar que isso é muito relativo).

Há os que são sádicos e degenerados, e os que procuram ser eles próprios, sem vãs ostentações de exotismo. E tanto uns como outros existem em toda a parte.

Posto isto, vejamos então o que se passa na Escola.

O nosso guia vai ser Jess Stearn, que escreveu estas coisas no «Daily News».

«As escolas de Nova York marcam um sinal F, de Fracasso, na conduta moral dos teenagers desadaptados — somando-se assim aos ensaios de professores, estudantes e pais ansiosos.

Mascarado e suprimido pelas autoridades em educação, sempre que mostra a sua face torpe, o sexo está-se a tornar num problema insolúvel para os professores do sistema de escolas públicas.

... raramente uma palavra sobre crimes desta melindrosa natureza transpira para

fora dos edifícios da escola, porque os reitores e outro pessoal supervisor se recusam a ocupar-se honestamente da situação.»

Isto é o quadro geral que, longe de se aplicar apenas às escolas de Nova York, se estende a muitas outras do vasto país de Além-Atlântico. Todos se lembram ainda das situações relatadas no «Fúria de Viver» e noutros filmes do género. Pode dizer-se, com inteira razão, que tais factos são ainda uma pálida imagem daquilo que se passa.

Uma imagem mesmo muito pálida.

Mas passemos a casos isolados, absolutamente comprovados, que nos ajudarão a pe-

netrar melhor nos meandros da delinquência juvenil escolar.

«Usam-se anticoncepcionais na escola, e literatura pornográfica é lida e trocada abertamente entre ambos os sexos. Não há jogos de palavras ou calão sexual demasiado porcos para a expressão popular, verbal ou desenhada nas paredes. E poucas autoridades dizem ou fazem alguma coisa contra isto.»

«A taxa de gravidez de algumas escolares de maior ou menor idade é assustadora, segundo dizem os funcionários de correcção, e seria muito pior, calculam, se muitas raparigas não trouxessem anticoncepcionais nas bolsas. Ocasionalmente um professor denuncia um estudante, mas raramente qualquer coisa daí advém.»

Os casos de ataques físicos ou sexuais são bastante frequentes, mas quer os reitores quer os professores hesitam ante fazer qualquer coisa, porque tem receio de *dar mau nome à escola* ou de *se exporem à fúria dos estudantes* (será melhor ler gangs juvenis, porque é muito mais exacto).

Quando as raparigas saem «há sempre grande quantidade de rapazes batidos na questão passeando pelos arredores. Sentam-se nos carros e esperam que as raparigas saiam».

«O reitor de Maxwell apanhou dois homens de perto de vinte anos vagabundeando na sua escola. Estalou uma briga de que o reitor saiu com um olho negro. O duo fugiu sendo apanhado mais tarde. O reitor, contudo, recusou-se a pedir Justiça. Não houve caso — nem publicidade.»

«Os lavatórios de algumas escolas são usados para a batota, a bebida e actos imorais».

«Deviam dar aos professores cursos de Judo e de Boxe antes de os enviarem para as aulas» — disse um instrutor de Educação Física — «com esses gangsters juvenis há dias em que sentimos estar a lutar pela própria vida».

Há muitos rapazes — gangsters e sádicos — que andam armados com toda a espécie de armas, avultando a navalha de lâmina afiada, e, frequentemente, as discussões nas aulas ou fora delas descambam em lutas sangrentas.

«Os gangs de raparigas tem aumentado, e são tão ameaçadores como os de rapazes.»

Atacam-se rapazes e raparigas em plena luz do dia.

«Esta é a noite de Domnigo em Brownsville, uma noite de Domingo de Janeiro passado, quando cento e vinte e cinco jovens apareceram da Rua Bergen e da Avenida Ralph para combater com garrafas quebradas. As oito os carros da polícia apareceram no local de combate» — seguem-se fotografias alusivas ao facto, no «Daily News» de 3 de Março de 1954.

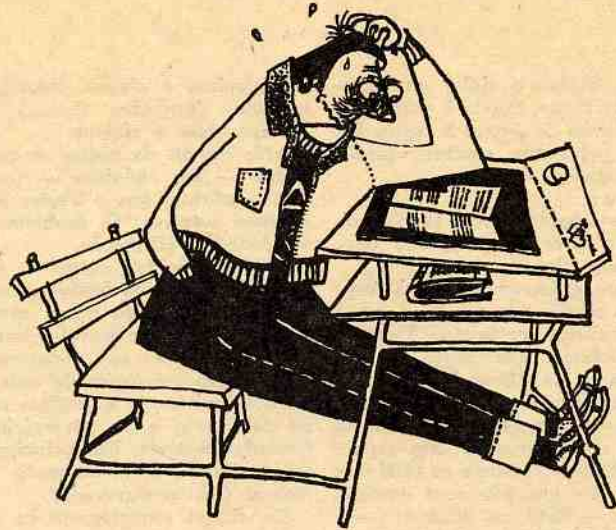
«Mães de jovens escolares organizaram o seu próprio grupo, que agora guarda todas as entradas da escola. A patrulha — dizem — manter-se-á indefinidamente». «Durante meses — disse uma mãe — os nossos filhos disseram-nos que tinham medo de utilizar os lavabos do andar principal porque encontravam aí estranhos. Agora acreditamos plenamente neles».

* * *

Isto são apenas alguns — muito poucos — factos. Outros há, a mais revoltantes. Esses nem sequer se podem aqui reproduzir, de obscenos que são. Cremos no entanto que para amostra basta.

Parece que a minoria da Juventude Estadunidense que se entrega desenfreadamente aos actos sexuais, ao ataque físico, à delinquência e, mais tarde, à bebida, aos narcóticos e a outras coisas semelhantes, aumenta assustadoramente.

Parece que uma enorme vaga de desorien-



Na LIVRARIA PORTUGAL

Estão já à venda os livros escolares adoptados para todos os graus do ensino: Instrução Primária, Escolas Técnicas, Liceus, Faculdades e ainda para o INSTITUTO BRITÂNICO e LICEU FRANCÊS

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70
— LISBOA 2 —

Telefones { 30582
30583
28220

D I S C O S

JAZZ
DANÇA
SINFÓNICOS

////

AS MELHORES INTERPRETAÇÕES
EM GRAVAÇÕES ESCOLHIDAS

////

GOUVEIA MACHADO

CASA ESPECIALIZADA

RUA S. JOSÉ, 152 — TELEF. 2 5517

tação e de regresso à animalidade atravessa a Juventude desse país tão próximo e tão distante.

Porque existirá essa vaga? Quais as suas causas? E porque não se lhe procuram remédios?

A nossa opinião, de acordo com o que afir-

mámos de início, apenas será dada em conjunto com as apreciações aos casos dos demais países.

(Os casos aqui relatados foram extraídos duma série de reportagens levadas a cabo por Jess Stern para o «Daily News»).

O homem era magro e tinha um tique irremediavelmente taque. Havia à volta dele para cima de dezenas de outros homens. Escribas, cérebros pensantes, sombras profissionais, gatos pingados. Curiosos.

O homem falou:

— Já fez o testamento; deixa tudo à rádio-televisão. Não deve (snif...), não deve demorar muito. É o fim...

É o fim. Alguns quiseram entrar à força no quarto onde o moribundo gemia. A porta resistiu. Estava fechada por dentro. Tinham-no isolado do público. Entretanto 36 máquinas fotográficas e de filmar impressionavam película, alternadamente. Repórteres corriam, empurravam, entrevistavam. Havia quem procurasse afincadamente «um sapato castanho». Nas cabinhas vizinhas os telefones eram arrancados dos ganchos com energia, e vozes gritavam: — Está nas últimas! (—O que é que está nas últimas? — perguntavam do outro lado — Nas últimas só vem noticiário do estrangeiro...). (Não seja cretino — comandavam os rapazes nas cabinhas — Não se trata agora de pestanas. *Ele* está a morrer. Ponha lá isso. Na primeira página).

O clamor da novidade saltou das gargantas a saber a cigarro para os passeios húmidos, correu pelas ruas cheias de passantes e não passantes, entrou nos cafés, subiu aos altos edifícios, descansou um pouco nas lojas de artigos desportivos e depois continuou. Pulando nos amarelos; ferrando a brasa nos «placards» luminosos. Pegando sustos nos desprevenidos. As emissoras interrompiam os programas (de música de dança, anúncios ou rádio-teatro), e os locutores deixavam os maxilares inferiores trabalharem algum tempo, de baixo para cima:

— Está à morte. Dura pouco.

— Dura pouco. Está à morte.

Por essa altura já centenas de arduas en-surdeciam as calçadas: — Trás-a-bola-e-a-morte do-defunto. Dez-tostões-olho-diário.

Dizia-se. Sugeria-se. Ouvia-se. Decidia-se. Ia-se. Tudo numa grita colossal. Em salas cheias de fumo e homens em manga de suspensórios (invariavelmente castanhos), discutia-se e cuspiam-se para o metal. Tema da discussão: o moribundo. Tema do cuspo: a discussão. Nas ruas, nas largas avenidas, nos jardins com folhas, e nas praças principais reunia-se gente. Apareciam oradores.

rar quadros e alguns casacos embrulhando mortais. Sensações (brr...) de fantasmas transparentes e cínicos.

«Na ordem da noite» o caso do dia: alguém — um anónimo — provocara comoção ao afirmar que o Teatro estava a dar os últimos suspiros. O problema era saber a validade da afirmação.

O indivíduo por detrás da tribuna limpou pensativamente os óculos e depois deu uma pranchada delicada numa caveira:

— Foi-nos impossível contactar com o Teatro. Por isso não podemos saber qual a sua opinião a respeito de toda esta celeuma. Vamos limitar-nos a analisar os depoimentos de defensores e de adversários de algumas fórmulas teatrais. Em princípio: teatro profissionalizado, e o chamado teatro experimental (não remunerado).

Os óculos percorreram as fitas magnéti-

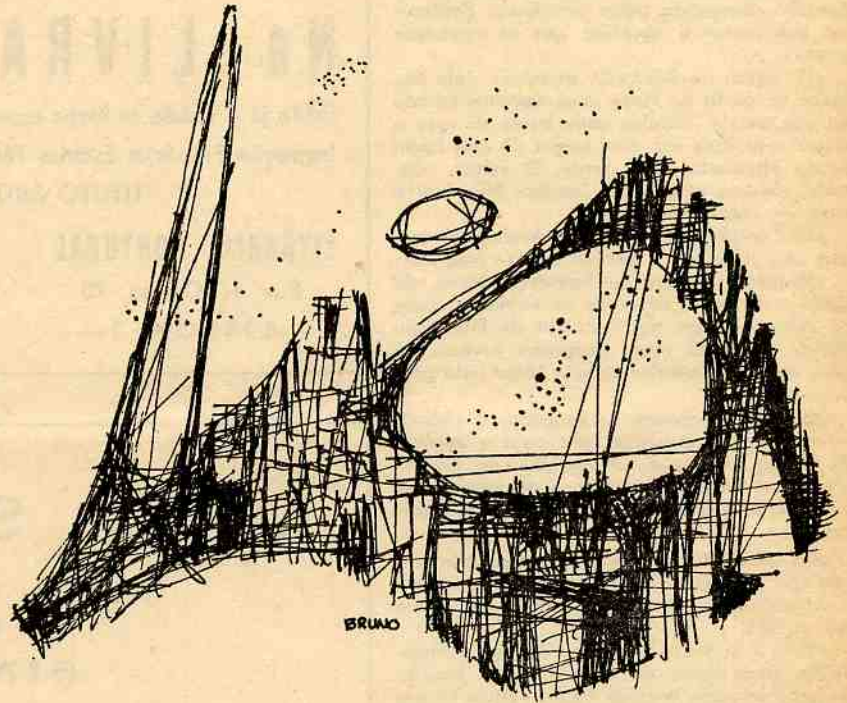
vista com um dirigente de teatro que leva a crer que outras coisas estão erradas no T. profissionalizado: «no tal atoleiro não foi o Teatro que caiu. — Foi a sua falsificação comercial, os vendilhões do seu templo, que precisam ser corridos à chicotada para fora dele».

Por outro lado observa-se: «se o teatro fosse isso de quem só pede subsídios a troco de tudo, e de quem só dá subsídios a troco de nada...». Pausa.

Isto é o essencial do ataque. Ouviremos agora a defesa: Um paladino do T. profissional.

Ouve um silêncio enquanto o representante da defesa se sentava em frente da assistência. Tiraram-se fotografias.

— Gostaria de ser breve. E receio sê-lo, por força das circunstâncias: facilmente demonstrarei a inconsistência da maioria do trabalho do ataque. Senão vejamos: para a série de condicionamentos que fazem elevar o preço dos bilhetes há duas soluções: ou eliminá-los ou arranjar uma base que permita descer os preços dos bilhetes sem afec-



TEATRO EXPERIMENTAL

Em caves sem fumo, homens sem suspensórios (cordéis em vez) batiam ritmadamente os dedos sujos num caixote: começava-se a composição de mais uma epopeia: Para ser contada por cegos e «cegos» nas travessas e esquinas. Para ser decoradas por criadas e amola-tesouras.

Velhos desvairados deixavam-se cair da altura de 10 caixas de fósforos gritando — «antes a morte» — antes a morte. Esquecia-se o moribundo, quase.

Profetas e cépticos esmurravam-se de quando em vez, cheios de boa vontade.

Pensava-se em manifestações em frente de candeiros.

A atmosfera sabia a bifés de restaurante. *Inferno*. Três da madrugada. Cheiro a gatos pretos e a estrelas. Paredes para pendu-

cas, os livros, e os recortes que enchem a mesa.

— Eis os inconvenientes e os erros que alguns notam no Teatro profissionalizado:

«Os décors, os honorários de autores, actores, encenadores, decoradores, empresários, figurinistas, porteiros e os gastos de transporte, tornam a despesa tão elevada que os preços dos bilhetes se ressentem disso, afugentando o público».

«...a principal preocupação do T. profissionalizado é levar, num mínimo de tempo, a peça à cena, e mantê-la em cartaz um máximo de tempo — implicando este critério uma preparação nem sempre eficiente e por fim, uma automatização e uma menorização nefastas aos fins teatrais».

E tenho aqui um extrato de uma entre-

tar a verba para dècor, honorários e transportes. O Fundo do Teatro oferece-nos uma plantaforma para o caso. Uma plantaforma que se aplica ao segundo enunciado. E, sem preocupações de ordem financeira, é natural que se sublime a preparação dos actores, de forma a oferecerem ao público espectáculos de nível elevado. Diz-se que alguns actores encaram a remuneração como um fim e não como um meio... «se não, partiriam à aventura, crentes nos seus ideais de modernidade e no seu amor pelo teatro, relegando para lugar afastado as preocupações financeiras». Isto o que se diz. Em parte utópico. Outro ponto: «que no T. profissionalizado se abusa da memória; que a naturalidade só vem com o calo e que o calo é monótono» — que sei eu... No fundo a questão está em saber se o Teatro profissional não fará viver o público, não lhe comunicará aquela emoção, aquele calor humano, que o ajudarão a libertar-se das solicitações de um dia a dia estandardizado e sem alma, e a progredir na problemática própria. Este, quanto a mim, o nó do problema.

Nesta altura dois espectadores da quinta fila começaram a quebrar lanças por qualquer dama obscura. A breve trecho o clamor ganhava foros de infernal. Cérbero espreitou à porta e tossiu cavernosamente. O locutor

das Emissoras do Centro gritou ao microfone:

— A temperatura na sala subiu de alguns graus. Trocam-se impressões em voz alta.

O indivíduo de óculos, na mesa, arredou os papéis e disse:

— Pedem-se à assistência que não se exteriorize (pranchada na mesa). Caso contrário terei de mandar evacuar a sala.

Gradualmente, a agitação cessou.

Junto da mesa estava um personagem jovem. Calças com pregos e «éclaires» no blusão de couro. Rugas no rosto e alguns livros debaixo do braço.

— Eu sou o mensageiro do Cinema — informou. Eu sou o portador da nova certeza. Eu... (Mas não: o melhor é ir aos factos!). Em resumo: Eu venho responder à pergunta do orador que me antecedeu. Penso e acredito que os fins do Teatro nas suas relações espectáculo-espectador estão igualadas e ultrapassadas pelo Cinema! — Um gato miou em qualquer telhado húmido — o Cinema é mais barato que o teatro e foca temas muito mais variados que este. O cinema encerra em si facilidades de expressão, renovação, perspectiva e ritmo superiores às do Teatro. As interpretações que no Teatro estão prejudicadas pela hiper-automatização e cansaço, conservam na tela sempre a mesma frescura. E o cinema conserva intactas as potencialidades atribuídas ao Teatro: calor humano — progresso. Também no cinema o intérprete «anda» por entre o público (e não está sujeito a «gafes» inoportunas). *Dixit...*

E o jovem de pregos nas calças deixou que os olhos maliciosos «trabalhassem» o público. Apalpava-se a expectativa que enchia o ar. Aquele «enterro» eficiente e rápido do Teatro era a chave para nova dimensão do assunto. «Sim, realmente...» pensava-se. «Hum... — Isto assim é bom de mais. Deve faltar qualquer coisa na história: por força...» — Resumia-se por outro lado.

Cérebro tossiu delicadamente:

— Chefe, está aqui um do «experimental». Diz que tem para aí um caixote de trunfos...

(— O depoimento do pró-experimental — informava no dia seguinte a *Éfetê* — foi escutado num estado de suspense. Por essa altura já tinham carregado para fora da sala 21 indivíduos desmaiados. O pró-experimental começou assim: — Se tivesse casca era ovo — disse um dia um apreciador de omeletas. E eu direi: trata-se de um erro de paralaxe. E o ponto de onde se observa é fundamental para a coisa. Aparentemente, e de uma maneira superficial o cinema eliminou sem dor o teatro, e consequentemente os choros de crise e as romagens de saudade

— Nós, acreditamos na validade, na vitalidade e no poder de evolução do teatro! Sentimos que o Teatro é uma forma superior de comunicação e compreensão entre homens. O teatro realmente experimental é uma certeza de renovação constante. E renovação é progresso.

Cinco, dez, vinte carolas, a fé no teatro como meio de elevação, e um barracão (mesmo cinco ou vinte carolas e montões de fé), chegam para viver o teatro: Representar, escrever, desenhar, pregar tábuas — discutir a teoria com espírito aberto, dissecar as experiências da prática — extrair os ensinamentos válidos. O experimenta e experimenta. Estuda o valor expressivo e estético de novas concepções cénicas, introduz novos pontos de vista, simplifica o complicado. Os próprios actores reinventam personagens. Integram-se em inexplorados *humos* de conceitos e filosofias e vão assumindo progressivamente uma atitude de compreensão — fazem nascer uma panorâmica mais ampla e mais universal do mundo. Desta forma, tanto para o actor como para o expectador, o teatro será meio de recreio, cultura e elevação. (O orador levou um copo aos lábios: vazio)

Rota, um jornal de toda a Juventude acha fundamental sublinhar a problemática com a acção. Por isso vai estruturar as bases para um Teatro Experimental da Juventude. E aqui fica o apelo a todos aqueles que creem na transcendência do valer a pena: Vem rápido colaborar no nosso núcleo de Teatro Experimental: Vem ajudar a construí-lo: Se tens sede de acção. Se acreditas em Ti.

... ..
Chapéus, lenços, casacos (até há quem fale em orelhas e braços) foram lançados ao ar entre impressionante grita.

O magnésio tornava escura a lâmpada de cento e vinte velas. Nas mãos do locutor das Emissoras do Centro o microfona tremia: «Todo o mundo — gritava ele — aplaude delirantemente o...»

BRUNO E VASCONCELOS

N. R. — O INFERNO existe efectivamente. Com Cérebro e tudo. E cheiro a Filosofia e a estrelas: é o local onde se reúne a «malta» do ROTA.

PARA LER

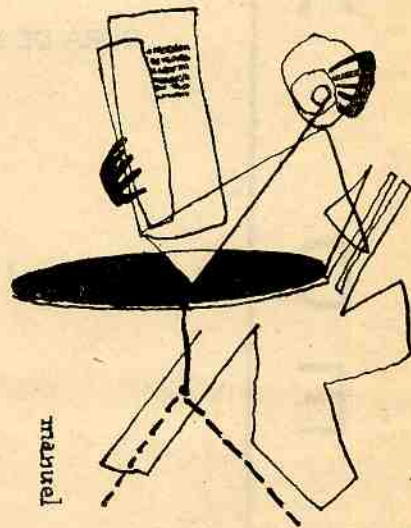
ROTA — linhas de rumo, problemática, acção.

Rota é um Jornal aberto à colaboração de toda a Juventude portuguesa, quer essa colaboração se verifique no campo das Letras, das Artes, da Palavra, da Acção Pessoal, ou noutro qualquer.

Rota quer ser um movimento sempre dinâmico, sempre novo, sempre renovado, — cada vez mais e representante do que a Juventude pode realizar quando a Vontade não falta e o ânimo não falece.

Procurar, Caminhar, Lutar, Prosseguir, não contemporizar com um crepúsculo cómodo e sem glória — eis a rota, eis a nossa Rota.

Uma Juventude sem ideais místicos, sem latência vívida, sem potência criadora, sem renovação dos valores transcendentais, pouco pode oferecer à essência do Império, da Humanidade e do Espírito.



NO CAFÉ

Assinaturas: dez números — dez escudos. CADA LEITOR SE DEVE TORNAR UM COMPRADOR; E CADA COMPRADOR UM ASSINANTE.

Exemplar avulso: um escudo.

SECÇÃO DE CRÍTICA: as obras enviadas para crítica devem vir em duplicado, bem como os ingressos nos espectáculos teatrais, cinematográficos, culturais, etc. Rota reserva-se o direito de criticar apenas as obras que o mereçam.

Preçário de anúncios: 1 página — 500 escudos, 1/2 pág. — 260 escudos, 1/4 pág. — 140 escudos. 1/8 pág. — 80 escudos. Com execução de desenho — mais 20%. Descontos: de 5 a 10 números — 10%; de 11 a 15 números — 15%.

Teatro Experimental: se tens vontade de pregar pregos, brincar aos electricistas, pintar cenários, representar, escrever peças, evoluir na problemática humana, viver, numa palavra — vem. A rapaziada espera-te. Local de reunião (provisório): R. D. Estefânia, 14. LISBOA.

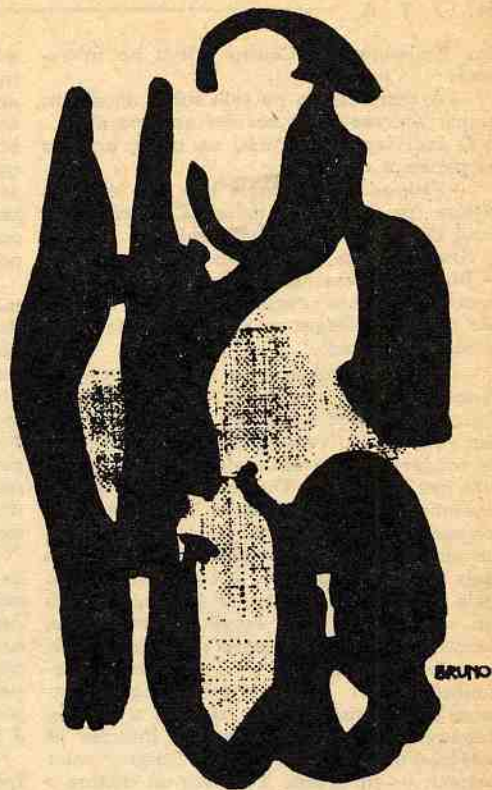
CORRESPONDÊNCIA: Rua Barão de Sabrosa, 151, 1.º-direito. LISBOA 1.

AOS AMIGOS

Quando a dúvida disser :
« — Vem»
eu irei,
certa de encontrar
dores mais secretamente agudas
no medo de fazer desfeitas
dúbias sombras de certeza
frias,
impenetráveis
na expectativa que me segue.

Temerei
pelo ritmo quebrado
num riso de cristal,
e não pelas tuas mãos
que fugirão violentas,
aterradas das minhas,
porque de ti eu espero
e sei...
Mas de ti eu nada tenho
senão uns instantes longos
perversos,
que não chegam a ser nunca
alguma coisa que não importa

DORA DE LENCASTRE



D O I S I

...E eis que o homem, ultrapassada a fase inicial do «primum vivere» se lança sequiosamente em busca de outras certezas e verdades que saciem a sua ânsia de beleza e de ritmo interior.

O Universo, os espaços cósmicos por onde não se seguem as veredas da sua imaginação e das suas realizações, são infinitos. Ao homem cumpre saber orientar os passos por essas veredas maravilhosas. «Espaços cósmicos da Música, da Dança, da Literatura, das Artes Plásticas, da Oratória, abri vossas misteriosas portas e deixai que o homem passe» — foi o pensamento não expresso. E as portas abriram-se.

Velha
que concebeste e criaste
oito filhos degenerados
incrivelmente diferentes,
nem um só dia passaste
sem falar dos ausentes.
Velha,
eu sou o mais rebelde filho ;
cruel, insubmisso e ingrato.
Não valho as lágrimas choradas
nem as amarguras recalçadas...
Mas teimas em lembrar-te do dia dos meus anos,
velha !
... E escreves-me cartas longas com palavras meigas
que abafam o ímpeto da minha rebeldia. E enquanto
O Mundo crê que sou o maior dos tiranos,
para ti sou mais puro do que um santo !...
Ah ! Velha, que não rezas orações
e tens a alma cheia de perdões !...
É tão grande a dor que te envelhece
como pálida é esta luz do dia
que me alumia
e arrefece.

DOMINGOS CARVALHO (in ENCONTRO)

